

Conselho

Órgão de Divulgação do Conselho de Cultura do Estado do Rio de Janeiro

IMPRESSO

Nº 44

Ano 6
Novembro/Dezembro
2000

Páginas

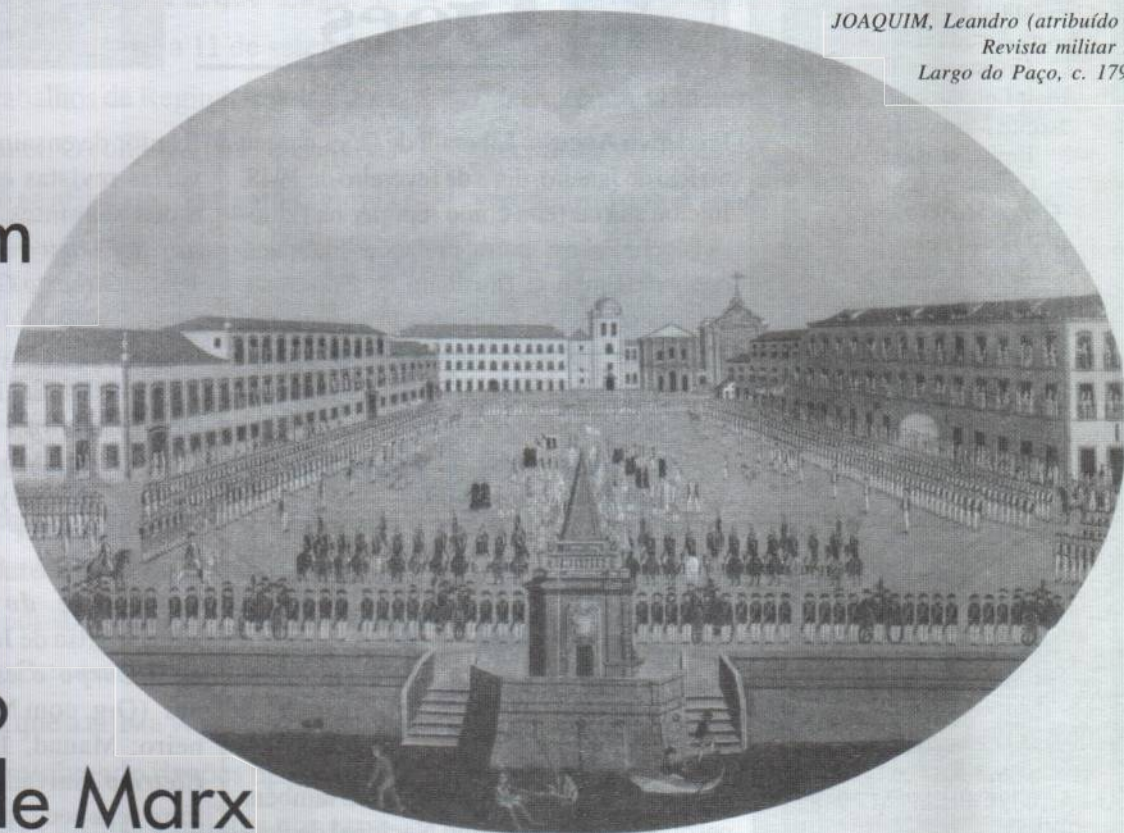
4/5

Paisagem Carioca

Página

8

Visita ao Sítio Burle Marx



JOAQUIM, Leandro (atribuído a)
Revista militar no
Largo do Paço, c. 1795.

EDITORIAL

A recente premiação pelo Conselho Estadual de Cultura de onze pessoas físicas com o *Golfinho de Ouro*, e de igual número de instituições com o *Estácio de Sá*, além de três indicações ao Governador para o Prêmio *Governo do Estado*, coroou o processo de revitalização das premiações, abandonado pelo Governo anterior, que deixou, inclusive, débitos a serem resgatados pelo atual.

Desde 1977 outorgaram-se 24 prêmios *Governo do Estado*, 156 *Estácio de Sá* e 188 *Golfinho de Ouro*, totalizando, com os ora atribuí-

dos, trezentos e cinqüenta e quatro agraciados.

Com a atual premiação, o Governo Anthony Garotinho investiu a inédita soma de R\$ 1 milhão e 250 mil em prêmios, a serem entregues neste mês de novembro, provando inequívoca vontade política de devolver ao Rio de Janeiro o nome de *capital cultural do país*.

Em dois meses, o Conselho de Cultura recebeu cento e treze indicações, de dezenove instituições públicas e particulares, e de seus próprios Conselheiros, num processo de democratização jamais vivido, que culminou com a Sessão Pública do dia 4 de outubro passado, na qual, por voto secreto, se escolheram vinte e cinco nomes, alguns dos quais em escrutínio de desempate.

Outro fato marcante na distribuição dos prêmios foi a presença, entre os premiados, de personalidades de oito municípios do Estado, demonstrando o êxito da política de interiorização preconizada pelo Secretário de Cultura, Adriano de Aquino, e pelo Presidente do Conselho, Luiz Emygdio de Mello Filho.

Com a mobilização alcançada, espera-se que em 2001 o número de candidatos aos prêmios se multiplique, o que demandará atualizar a legislação face à experiência vivida e, possivelmente, atribuir mais de um prêmio por categoria, medida que permitiria beneficiar maior número de pessoas e instituições que expressam a cultura fluminense.

EXPEDIENTE

GOVERNADOR

Anthony Garotinho

VICE-GOVERNADOR

Benedita da Silva

SECRETÁRIO DE ESTADO DE CULTURA

Adriano de Aquino

PRESIDENTE DO CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA

Luiz Emygdio de Mello Filho

VICE-PRESIDENTE DO CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA

Ana Arruda Callado

CONSELHEIROS

Adair Leonardo Rocha

Arthur Moreira Lima

Beth Carvalho

Caique Botkay

Carlos Heitor Cony

Dina Lerner

Edino Krieger

Fausto Wolff

Fernando Cotta Portella Filho

Frederico Augusto Liberalli de Góes

João Leão Sattamini Netto

José Lewgoy

Léa Garcia

Lena Frias

Luiz Carlos Ribeiro Prestes

Martha de Carvalho Rocha

Moacyr Werneck de Castro

Nélida Piñon

Oscar Niemeyer

Paulo Roberto Menezes Direito

Teresa Maria Mascarenhas

Ubiratan Corrêa

O CONSELHO

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Ana Arruda Callado - MT 9489

COMISSÃO EDITORIAL

João Leão Sattamini Netto - Presidente

Ana Arruda Callado - Vice-Presidente

Caique Botkay

Carlos Heitor Cony

Dina Lerner

Fausto Wolff

Fernando Portella

Luiz Emygdio de Mello Filho

Martha de Carvalho Rocha

Teresa Maria Mascarenhas

SECRETARIA

Heloisa Miranda Igreja

Helenice Valias

Carmen Pereira

REDAÇÃO

Av. Erasmo Braga, 118 - 10º andar

Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-000

Fones: (21) 533-4294 e 533-5491

e-mail: concultura@sec.rj.gov.br

PROJETO GRÁFICO/EDITORAÇÃO

Newbooks Edit. Eletrônica Ltda

e-mail: newbooks@alternex.com.br

Tel.: (21) 572-8954/9763-8581



Fred Góes



Frederico Augusto Liberalli de Góes nasceu no Rio de Janeiro, dia 3 de fevereiro de 1948. Iniciou sua carreira como repórter na Editora Bloch. Foi assessor de relações internacionais da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT). Chefiou o Departamento de Expansão Cinematográfica, setor responsável pela formação de mão de obra técnica, da EMBRAFILME. Foi roteirista da TVE e redator e apresentador do programa *Tirando de Letra*, da Rádio MEC.

Em 1978, iniciou a carreira acadêmica. Formado em Letras, é mestre em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da UFRJ e Doutor em Teoria da Literatura, pela Faculdade de Letras da UFRJ, onde atua como docente nas áreas de graduação e de Pós-graduação do Departamento de Ciência da Literatura. É também pesquisador do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq).

Paralelamente à atividade acadêmica, é pesquisador de música popular e compositor/letrista, tendo inúmeras canções gravadas por artistas como Luiz Gonzaga, Ângela Maria, Maria Bethânia, Luis Melodia, Elba Ramalho, Moraes Moreira, Armandinho, entre outros.

É autor de ensaios críticos publicados em várias revistas especializadas e jornais, e dos seguintes livros: *O País do Carnaval Elétrico*, Salvador:Ed. Corrupio, 1982; *Gilberto Gil*, São Paulo: Abril Cultural, 1982. Col.Literatura Comentada; *O que é Geração Beat* (com André Bueno). São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984. Col. Primeiros Passos; *Instrumentos de Deus* (com Moraes Moreira). Rio de Janeiro: José Olympio, 1986; *Os Melhores Poemas de Paulo Leminski* (com Álvaro Marins). São Paulo: Global, 1995. *Em Nome do Corpo* (com Nízia Villaça). Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1998; *Que Corpo é esse? Novas Perspectivas*. (Org. com Nízia Villaça). Rio de Janeiro: Mauad, 1999; *50 Anos de Trio Elétrico*. Salvador: Corrupio, 2000. Este livro recebeu o prêmio 2000 da Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (ABERJ).

Fred Góes é casado com Graça Coutinho, artista plástica e pesquisadora literária, e pai das atrizes Micaela e Georgiana Góes.

Pela segunda vez participa do Conselho de Cultura.

Notas

A Conselheira Léa Garcia vem se destacando na encenação do *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles. As apresentações no Palácio Tiradentes (ALERJ), com grande afluência de público desde julho, seguem até dezembro.

E foi lá mesmo - ALERJ - com Plenário lotado, que o Conselheiro Paulo Roberto Menezes Direito recebeu a *Medalha Tiradentes*, em agosto passado, por feliz iniciativa do Deputado Délio Leal.

Quarupando Antonio Callado (neologismo da filha Tessy), a Academia Brasileira de Letras organizou, recentemente, mostra sobre o Acadêmico *doce e radical*, nosso saudoso Conselheiro - que terá reunidos em reedição pela *Nova Fronteira* todos os seus livros, incluindo diários inéditos, zelosamente guardados pela Conselheira Ana Arruda Callado.

Falando em homenagens, a Conselheira Lena Frias foi agraciada com a *Medalha Pedro Ernesto*, da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, em outubro, por justa indicação da Vereadora Jurema Batista.

Projeto Zona Instável

Elisa Magalhães

A Escola de Artes Visuais inaugurou a 2ª Exposição do Projeto Zona Instável no seu novo espaço de exposição, as Cavalariças do Parque Lage. O vernissage foi na segunda feira, dia 11 de setembro, às 19h, apresentando trabalhos de Regina Silveira, Ana Tavares e Wanda Pimentel. O conjunto das galerias das Cavalariças surgiram e se afirmam, com esta segunda mostra, como uma alternativa a outras galerias cariocas. Aqui o espaço arquitetônico faz parte do trabalho, dando liberdade ao artista de fazer intervenções no prédio.

Neste sentido, Regina Silveira criou *Equinócio*, instalação inédita que está no vão central. Uma enorme bola de madeira, que parece projetar gigantesca sombra pintada com tinta industrial preta, pelo chão e pelas paredes da galeria. Este trabalho é um desdobramento de uma pesquisa que a artista vem desenvolvendo nos últimos anos, envolvendo ilusões de sombras projetadas por diferentes formas e objetos nos espaços onde são instalados.

Regina Silveira é uma artista paulista dos anos 70,

de carreira internacional. Há mais de 20 anos ela não expunha no Rio de Janeiro. Logo após a exposição carioca, a artista estará inaugurando outra exposição em Washington, onde apresentará três instalações.

Ana Tavares, artista mineira surgida nos anos 80, residente em São Paulo, está

apresentando uma instalação feita com espelhos encravados no chão da galeria que, ao refletirem o teto, criam uma surpreendente sensação de vertigem no observador.

Ana Tavares também tem participado de exposições internacionais e, atualmente, mostra alguns de seus trabalhos na Espanha.

Wanda Pimentel, artista carioca dos anos 70, está apresentando trabalhos realizados naquela década, uma série de bueiros urbanos, transpostos para o espaço interno das galerias e até hoje pouco

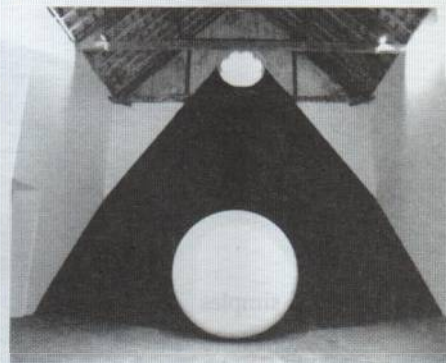
conhecidos do público. Diversos trabalhos de Wanda são emprestados por colecionadores e museus.

No momento em que a presença feminina tem sido tema de diversas exposições, levantando questões muitas vezes polêmicas, a EAV, ao convidar as três artistas, procurará contribuir para o debate, apresentando outros pontos de vista que demonstram a diversidade e a importância da mulher nas artes plásticas brasileiras.

As galerias das Cavalariças do Parque Lage situam-se na rua Jardim Botânico, 414.

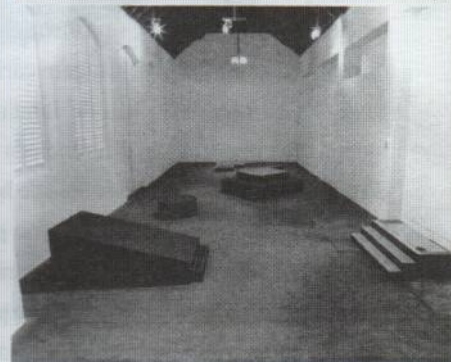
A exposição fica aberta de segunda a sexta-feira, das 14h às 22h30min e, aos sábados, das 14h às 17h30min.

Foto: Adelmo Lapa



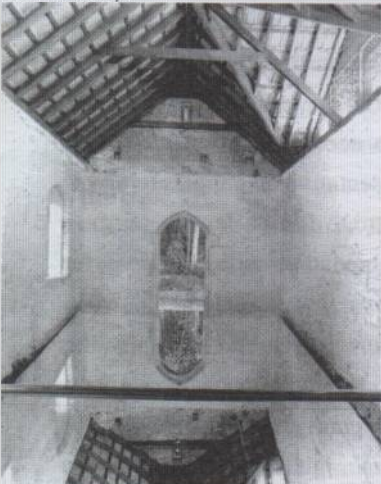
Regina Silveira. *Equinócio* / 2000.
Tinta industrial sobre madeira - instalação.

Foto: Adelmo Lapa



Wanda Pimentel. *Série Bueiros 1970/71*.
Tinta industrial sobre madeira.

Foto: Adelmo Lapa



Ana Maria Tavares. *Gambling II* / 2000.
Instalação: espelho e aço inox.

A PAISAGEM CARIOCA

Carlos Martins*

A memória é redundante: repete os signos para que a cidade comece a existir.

ITALO CALVINO

A simples menção do nome de uma cidade é capaz de trazer à tona uma série de imagens que, por alguma razão, fazem parte de nossa memória. Essas imagens, construídas a partir dos mais diversos elementos físicos socioculturais ou políticos, passam a identificar as cidades. Assim, temos Roma como “cidade eterna”, Paris como “cidade-luz”, Nova York a “big apple”... ao Rio de Janeiro – tema dessa exposição – coube ser a “cidade maravilhosa”. É um adjetivo de peso, que designa tudo que causa admiração, surpresa, encanto ou curiosidade. Parece ser essa a reação do “estrangeiro”, seja ele natural do Brasil ou não, em seu primeiro contato com a paisagem carioca.

A paisagem do Rio de Janeiro foi adquirindo, historicamente, uma importância diferenciada em relação às outras cidades do país. Mas, ainda que aos olhos de hoje seja impossível dissociar a imagem da cidade de seu entorno paisagístico, nem sempre os olhares lançados à Baía de Guanabara privilegiaram essa associação entre cidade e paisagem. Grande parte do material referente ao Rio de Janeiro produzido entre os séculos XVI e XVII foi obra de cartógrafos e/ou engenheiros militares. Tinha, portanto, um sentido menos contemplativo e mais utilitário em seu esforço de medir, rastrear e tornar reconhecíveis os principais marcos da acidentada geografia da Baía, como tentativa de traçar estratégias de defesa do mais importante porto da Colônia, sua capital desde 1763, e porta de entrada para a região aurífera das Minas Gerais.

Foi sobretudo como ponto estratégico de defesa do litoral português na América que o Rio de Janeiro primeiro afirmou sua importância.

Os contornos da paisagem carioca começaram a ser delineados de maneira mais sistemática a partir do final do século XVIII. Decisiva nesse sentido – e muito já se tem dito a respeito – foi a abertura dos portos às nações amigas, que tornou possível a entrada de um sem número de viajantes estrangeiros, em sua maioria europeus, cujo principal legado é uma quantidade surpreendente de material iconográfico sobre o Rio de Janeiro. Embora nem todos esses viajantes fossem de fato artistas, trouxeram na bagagem uma formação erudita em que o desenho ocupava lugar de destaque como forma de conhecimento do mundo. A extensa

documentação visual produzida por esses atentos observadores, sempre no âmbito de universos culturais específicos, adquire importância crucial na maneira como revelaram uma cidade pitorescamente implantada à beira-mar, que crescia esgueirando-se entre as montanhas. Destacavam a plasticidade inerente à sua natureza, mas também a dimensão exótica de seus habitantes e da sua vida cotidiana.

Enquanto capital do império e, posteriormente, da República, era natural que o Rio de Janeiro acabasse por ser o destino final e o maior ponto de atração no panorama nacional, não somente para estrangeiros, como também para brasileiros que para ela viriam em visita ou com intenção de radicar-se. A cidade ficaria na memória de seus visitantes pelas suas belezas naturais, sem dúvida, mas sobretudo pelo significado que lhe conferia o papel de cidade-capital. Ela era o mais importante centro das decisões político-administrativas que dirigiam a vida do país e concentrava também tudo o que de mais significativo ocorria na vida cultural e nas artes. O Rio de Janeiro passara a personificar o que de mais moderno, civilizado e admirável pudesse ser produzido no país, construindo em torno de si um imaginário (no sentido da “imagem mental” de que fala Argan) que dizia respeito acima de tudo àquilo que se desejava para a imagem do Brasil. Os marcos paisagísticos do Rio de Janeiro passaram a ser como marcas identitárias nacionais. Tanto quanto o Coliseu foi capaz de sintetizar o lastro de uma cultura milenar na Itália, ou a Estátua da Liberdade de simbolizar o país das oportunidades, o Pão de Açúcar – naturalmente encantador e que, para sê-lo, não necessitava nem mesmo da intervenção do homem – foi representativo de um país (e não só de uma cidade). Século XX adentro, o Rio de Janeiro afirma e consolida um imaginário que, combinando cidade e natureza, fez de sua paisagem sua marca distintiva.

A exposição *A Paisagem Carioca* vem oferecer subsídios para uma reflexão sobre a história, as transformações e as sucessivas formas de apropriação desta paisagem. Além de acervos museológicos, a utilização de recursos multimídia veio ampliar a apresentação da paisagem do Rio de Janeiro nas mais diversas formas de manifestação artística, possibilitando mostrar uma par-



Enseada de Botafogo e Pão de Açúcar, 1931

cela significativa de imagens produzidas ao longo de cinco séculos. A exposição condensa uma multiplicidade de olhares, detendo-se sobre a formação do imaginário da “cidade maravilhosa” e suas conexões com a cidade atual.

A mostra é o resultado do trabalho de oito curadorias que visam provocar indagações sobre o tema, sem pretender esgotar um assunto tão vasto e complexo. Assim, *A construção da imagem da Baía de Guanabara* repassa historicamente as transformações na conformação da Baía de Guanabara pela intervenção humana, analisando suas conseqüências, numa reflexão profunda sobre a realidade urbanística do Rio de Janeiro contemporâneo. *Os ícones na paisagem do Rio de Janeiro: um reencontro com a própria identidade* mostra como, ao longo da história da cidade, foram sendo eleitos marcos em sua paisagem (referentes à sua própria geografia ou ao seu patrimônio arquitetônico) que passaram a simbolizá-la. Já *Escritas de Viagem: girar sobre os próprios passos* aborda a maneira pela qual as narrativas de viagens contemplam a descrição da paisagem do Rio de Janeiro. *Machado de Assis e o Rio de Janeiro: fragmento de uma realidade humana* expressa a cidade enquanto personagem sensível. *A paisagem aplicada* apresenta a múltipla utilização das vistas mais consagradas da cidade em variados tipos de objetos artísticos e artesanais. *Um Rio correndo nas telas* valendo-se da imagem em movimento, explora a paisagem da cidade e sua utilização no cine-

ma nacional e estrangeiro. *A imagem, a miragem e o engano: a dramaturgia da cidade* traz o Rio como protagonista nas artes cênicas. *A música e a visão do Rio* envolve toda a exposição, apresentando uma cidade cantada em prosa e verso.

Aos textos curatoriais vêm somar-se ainda outras três importantes contribuições que fornecem novas abordagens para ampliação da reflexão proposta. *A cidade e a paisagem* nos convida a refletir sobre a paisagem como cenário e protagonista na vida da cidade; na história do Rio, a cidade é paisagem. *O Rio de Janeiro que se vê e que se tem: encontro da imagem com a matéria* destaca os múltiplos significados e possibilidades da aplicação da paisagem. *A literatura, a cidade e a experiência* do presente analisa, historicamente, as transformações das representações do Rio na cultura literária brasileira.

A Paisagem Carioca presta uma homenagem ao Rio de Janeiro compondo, a partir da interação das diferentes curadorias, uma visão caleidoscópica – fragmentada e múltipla – da cidade, que evidencia uma de suas características básicas: a pluralidade. A trama de olhares ora proposta pretende pensar o Rio de Janeiro, sua imagem e suas transformações, como um universo de questões aberto a constantes investigações.

* Curador Geral da Exposição no Museu de Arte Moderna 8/8 a 17/9 de 2000.

Encontro com

O TEATRO



O ator, diretor e dramaturgo Antonio Pedro, quando de sua visita ao Conselho Estadual de Cultura, em sessão plenária, falou emocionado sobre sua grande paixão pelo teatro. Reportou-se ao Centro Experimental Teatro Escola – CETE –, seu projeto atual, que tem um cunho sociocultural de grande alcance por permitir a integração de pessoas que vivem nas ruas, consideradas no limite. Além disso, o trabalho no Centro oferece a oportunidade de perscrutar o ator, sua arte e, assim, fomentar a dramaturgia popular brasileira. Relatando o percurso que vem seguindo, disse que o Projeto começou a ser implementado em 1985, passou pela UERJ, onde permaneceu por quatro anos, e agora, na Fundação Progresso, encena a Ópera Popular “O Incrível Encontro” que mergulha nos terríveis e maravilhosos 500 Anos do Brasil.

Entusiasmado, conta Antonio Pedro que trabalha em aberto, sem lenço e sem documento, com um rodízio

muito grande de participantes. Alguns, meninos carentes, mudaram o comportamento e o rumo de suas vidas, ao atuarem no Teatro ao lado de atores e atrizes experimentados que os incentivaram a realizar uma ação criativa e solidária. Afirmo que não se trata de um espetáculo construído por intelectual, mas que se foi delineando e tomando forma através da prática, do suor do elenco. O que se tenta fazer é deixar um espaço de liberdade, de responsabilidade a essas matrizes do povo, submersas e submissas, com dificuldades de se expressar e que, ao se expressarem no palco, revelam uma sensibilidade surpreendente.

Trata-se de uma representação teatral montada no Brasil, direcionada aos jovens, que está sendo proibida a menores de dezoito anos, não pelo conteúdo, mas por não ter sido afixada na porta do teatro, de maneira visível, a classificação etária para o espetáculo.

Inconformado com o fato da entrada abrupta dos policiais no recinto, exatamente no dia da estréia, causando tumulto ao exigirem dos presentes que se identificassem, Antonio Pedro solicitou ao Colegiado que interferisse junto às autoridades competentes, no sentido de que procedam a uma revisão desta classificação para que volte a ser possível o exercício artístico dos menores que, por esse meio, podem ser retirados da marginalidade, não mais ocupando o lugar de excluídos.

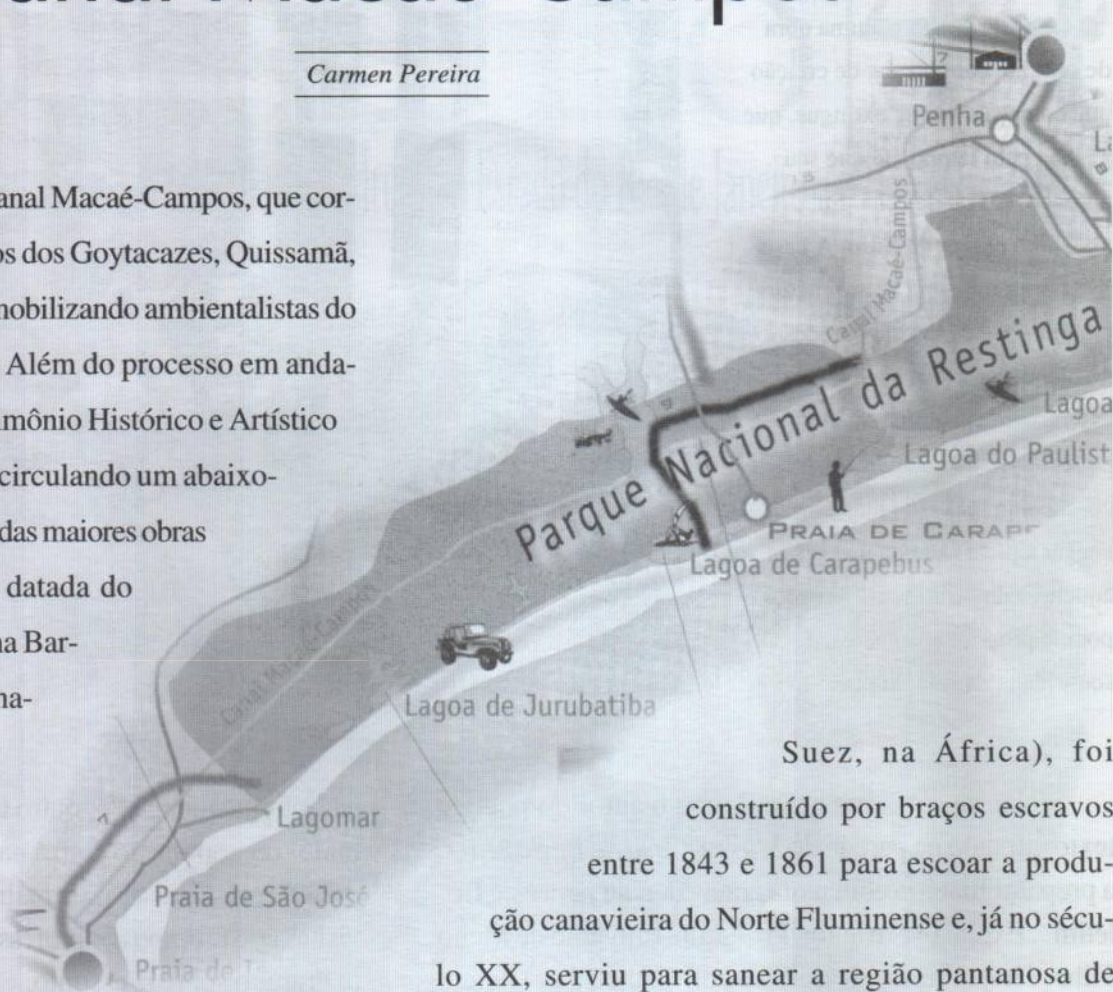
Resgate histórico e preservação ambiental: Canal Macaé-Campos

Carmen Pereira

O tombamento do Canal Macaé-Campos, que corta os municípios de Campos dos Goytacazes, Quissamã, Carapebus e Macaé, vem mobilizando ambientalistas do Estado do Rio de Janeiro. Além do processo em andamento no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN – está circulando um abaixo-assinado em defesa de uma das maiores obras de engenharia do Brasil, datada do Império. Segundo Helianna Barcelos de Oliveira, Coordenadora do Centro de Referência do Movimento de Cidadania pelas Águas de Quissamã e uma das líderes do movimento pelo tombamento do Canal, o objetivo é conquistar mais instrumentos para fiscalização do Canal, principalmente o trecho que não está protegido pelo Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba – criado, por decreto-lei presidencial, de 1998, visando proteger e preservar amostras dos ecossistemas ali existentes.

A importância ecológica de Quissamã foi reconhecida pela UNESCO, em 1991, ao considerá-la Reserva da Biosfera, e a *National Science Foundation* (EUA) escolheu a região como um dos 13 locais estratégicos do Brasil para a implantação de um programa de pesquisas ecológicas de longa duração.

O Canal Macaé-Campos – lembra Helianna – é o segundo canal artificial do mundo (o primeiro é o de



Suez, na África), foi construído por braços escravos entre 1843 e 1861 para escoar a produção canavieira do Norte Fluminense e, já no século XX, serviu para sanear a região pantanosa de Quissamã. Hoje o trecho entre Imbiu e a Lagoa de Carapebus está preservado, pois corta o Parque de Jurubatiba. Mas é nossa intenção garantir a preservação dos 165km do Canal, que tem importância histórica e ambiental para a região.

O movimento pelo tombamento está sendo apoiado pelo Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Estado do Rio de Janeiro – CREA/RJ – e está atraindo a visita de grupos ambientalistas de outras regiões do Estado do Rio. Entre eles o *Fronteiras Abertas*, de Petrópolis, que em abril fez um reconhecimento do Canal e o documentou com fotos. Segundo o relato dos integrantes do grupo, não é crível que haja uma paisagem tão bela, de tão grande apelo turístico, tão perto do Rio de Janeiro, ainda inexplorada.

Conselho visita Sítio Burle Marx

“O Sítio Burle Marx é uma obra de criação continuada, de criação que começa e não se extingue, que avança pelo tempo até que seu autor se vai, sai de cena. Eu assisti ao nascer do Sítio. A casa que hoje é uma jóia de arquitetura era uma casa velha, de paredes rachadas e com um banheiro externo. Eu vi aquilo pouco a pouco se transmutando, quase como num passe de mágica, até chegar àquela varanda magnífica, àquelas salas com tetos pintados por ele próprio, aos lustres, à sonoridade da sala do piano...”



CEC em reunião no Ateliê de Burle Marx

Não se sabe que acaso levou o autor do poético texto, afixado na parede do *Museu-Casa de Burle Marx*, a preparar matéria com tanta antecedência para este Boletim... Explica-se: o autor, Prof. Luiz Emygdio de Mello Filho, é hoje Presidente do Conselho Estadual de Cultura e visitou o Sítio, em Guaratiba, com os Conselheiros, mantendo a prática de reuniões periódicas fora da sede para conhecer ações culturais *in loco*.

Tendo como guia seu Diretor, o paisagista Robério Dias, os Conselheiros percorreram o Sítio, planejado recanto a recanto, desde 1949, por Roberto Burle Marx, que o transformou em verdadeira obra de arte. Para preservá-lo, Burle Marx, em 1985, doou a área e o acervo ao Governo Brasileiro, havendo agora projeto, apoiado pelo Conselho de Cultura, de torná-lo *Patrimônio da Humanidade*, por sua riqueza de espécimes raros e beleza paisagística.

O Sítio está vinculado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN / MinC, que tem na Associação de Amigos, presidida pelo Professor Moacyr Bastos, preciosa aliada no atendimento às suas necessidades, mantendo vivo o ideal de Burle Marx – despertar no público o amor às plantas.

Segundo Robério Dias a Instituição propicia e incentiva pesquisas, recebendo inúmeras caravanas científi-

cas internacionais. Por outro lado, ela possibilita contato maior da população com a natureza, sensibilizando-a a preservá-la. Escolas, principalmente municipais, realizam visitas ao Sítio, após os professores receberem treinamento gratuito sobre o assunto.

Há um projeto para a área frontal ao Sítio, já encaminhado ao IPHAN e ao Departamento Cultural do Exército: criação do *Parque Roberto Burle Marx*. Dedicado à educação ambiental – além de preservar a vegetação nativa e os mangues –, abrigaria passarelas sobre o manguezal, aquário, serpentário, borboletário, biblioteca infantil, estacionamento para veículos e estação de teleférico, que transportaria visitantes até posição elevada, permitindo vista panorâmica da região. Completaria o projeto um jardim contemplativo, aproveitando as árvores cinquentenárias plantadas por Burle Marx.

A 1093ª Reunião Ordinária do Conselho Estadual de Cultura (foto), realizada no Ateliê do falecido artista e paisagista, foi encerrada pelo Presidente após aprovação de voto unânime de louvor à Instituição, a seus dirigentes e à Associação de Amigos do Sítio Roberto Burle Marx pelo trabalho em prol da preservação desse inestimável patrimônio natural e artístico.

Conselho visita Sítio Burle Marx

“O Sítio Burle Marx é uma obra de criação continuada, de criação que começa e não se extingue, que avança pelo tempo até que seu autor se vai, sai de cena. Eu assisti ao nascer do Sítio. A casa que hoje é uma jóia de arquitetura era uma casa velha, de paredes rachadas e com um banheiro externo. Eu vi aquilo pouco a pouco se transmutando, quase como num passe de mágica, até chegar àquela varanda magnífica, àquelas salas com tetos pintados por ele próprio, aos lustres, à sonoridade da sala do piano...”



CEC em reunião no Ateliê de Burle Marx

Não se sabe que acaso levou o autor do poético texto, afixado na parede do *Museu-Casa de Burle Marx*, a preparar matéria com tanta antecedência para este Boletim... Explica-se: o autor, Prof. Luiz Emygdio de Mello Filho, é hoje Presidente do Conselho Estadual de Cultura e visitou o Sítio, em Guaratiba, com os Conselheiros, mantendo a prática de reuniões periódicas fora da sede para conhecer ações culturais *in loco*.

Tendo como guia seu Diretor, o paisagista Robério Dias, os Conselheiros percorreram o Sítio, planejado recanto a recanto, desde 1949, por Roberto Burle Marx, que o transformou em verdadeira obra de arte. Para preservá-lo, Burle Marx, em 1985, doou a área e o acervo ao Governo Brasileiro, havendo agora projeto, apoiado pelo Conselho de Cultura, de torná-lo *Patrimônio da Humanidade*, por sua riqueza de espécimes raros e beleza paisagística.

O Sítio está vinculado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN / MinC, que tem na Associação de Amigos, presidida pelo Professor Moacyr Bastos, preciosa aliada no atendimento às suas necessidades, mantendo vivo o ideal de Burle Marx – despertar no público o amor às plantas.

Segundo Robério Dias a Instituição propicia e incentiva pesquisas, recebendo inúmeras caravanas científi-

cas internacionais. Por outro lado, ela possibilita contato maior da população com a natureza, sensibilizando-a a preservá-la. Escolas, principalmente municipais, realizam visitas ao Sítio, após os professores receberem treinamento gratuito sobre o assunto.

Há um projeto para a área frontal ao Sítio, já encaminhado ao IPHAN e ao Departamento Cultural do Exército: criação do *Parque Roberto Burle Marx*. Dedicado à educação ambiental – além de preservar a vegetação nativa e os mangues –, abrigaria passarelas sobre o manguezal, aquário, serpentário, borboletário, biblioteca infantil, estacionamento para veículos e estação de teleférico, que transportaria visitantes até posição elevada, permitindo vista panorâmica da região. Completaria o projeto um jardim contemplativo, aproveitando as árvores cinquentenárias plantadas por Burle Marx.

A 1093ª Reunião Ordinária do Conselho Estadual de Cultura (foto), realizada no Ateliê do falecido artista e paisagista, foi encerrada pelo Presidente após aprovação de voto unânime de louvor à Instituição, a seus dirigentes e à Associação de Amigos do Sítio Roberto Burle Marx pelo trabalho em prol da preservação desse inestimável patrimônio natural e artístico.